

TÓPICOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO DIDÁTICO NO BRASIL

History of topics of educational thought in Brazil

Aldori Schlickmann¹

Resumo: No pensamento histórico educacional, a didática representa uma técnica utilizada para a produção de conhecimento que se mostra através de diferentes faces e contextos sociais. Assim, o presente trabalho pretende discutir e evidenciar, através de pesquisas bibliográficas, aspectos históricos relevantes da didática aplicada no Brasil, do ensino jesuíta até os autores contemporâneos. No Brasil, a didática adotada pela proposta jesuíta teve um caráter expositivo em que o professor foi a figura centralizadora da consolidação e transmissão do conhecimento, tido como legítimo e verdadeiro. Ao aluno, cabia o simples fato de ouvir e decorar. Em outro momento, enraizou-se a necessidade de constituir a didática em um contexto mais aproximado com a realidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Com a influência do pensamento de autores como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Paulo Freire, a figura do professor foi alterada para se aproximar do conceito de “ponte” da teoria para a prática do conhecimento. Nessa configuração, os alunos, que antes eram destituídos de sua autonomia histórica e didática, passam a receber parte da centralidade e da responsabilidade pela construção de saberes, pela transformação de seu ambiente e pelo desenvolvimento do senso crítico.

Palavras-chave: Didática. Métodos. Prática contemporânea.

Abstract: In the educational historical thinking didactics is a technique used for the production of knowledge in which is presented through different faces and social contexts. Thus, this paper aims to discuss and demonstrate, through literature searches, relevant historical aspects of teaching applied in Brazil Jesuit education by contemporary authors. In Brazil, the didactic proposal adopted by the Jesuit had an expository character in which the teacher was to centralist figure consolidation and transmission of knowledge, regarded as legitimate and true. The student, it was for the simple fact of hearing and decorate. In another moment, took root need to be didactic in a closer context with the reality of the subjects involved in the teaching-learning process. With the influence of the thinking of authors such as Jean Piaget, Lev Vygotsky and Paulo Freire, the teacher's figure was changed to approach the concept of “bridge” from theory to practice knowledge. In this configuration, the students, who were previously deprived of their historical and didactic autonomy, come to receive part of the centrality and responsibility for the construction of knowledge, the transformation of their environment and the development of critical thinking.

Keywords: Didactics. Methods. Contemporary practice.

Introdução

A didática, segundo Ferreira (2002), é a técnica de dirigir e orientar a aprendizagem. No Brasil, inicia-se a educação por meio dessa concepção por volta do ano de 1549, em que o ensino ficava a cargo dos padres jesuítas.

De acordo com a orientação jesuítica, o ensino era completamente contra o pensamento crítico, na qual as aulas eram ministradas e conduzidas pelos professores com métodos tradicionais, que eram verificação de ensino empreendido, correção, repetição, explicação ou preleção, interrogação e ditado. Mas esta condição perpassa por algumas transformações, haja vista que a didática recebeu novos métodos derivados de um processo de desenvolvimento social.

O objetivo deste trabalho compreende a apresentação de métodos que contrapõem a condição do método de ensino utilizada pelos padres jesuítas, considerado método tradicional. O método de pesquisa aplicado é bibliográfico, embasado em bibliografias que colaboram na

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

organização de aspectos das seguintes abordagens: didática de ensino; didática; novos métodos que relacionam o conhecimento com a prática de ensino; pensamento de Jean Piaget; pensamento de Lev Vygotsky; pensamento de Paulo Freire e incluindo também uma reflexão sobre a didática na atualidade.

Didática de ensino

Conceituar didática é um tanto quanto audacioso, então, recorremos ao termo inicial que nos diz que didática é “A técnica de dirigir e orientar a aprendizagem”. (FERREIRA, 2002, p. 235).

É importante saber que se deve elaborar um plano para que tal assunto seja trabalhado e desenvolvido com êxito. Para aprofundar este assunto, podemos utilizar o pensamento do respeitado Professor Libâneo (2008, p. 5), que afirma:

Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si, de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa.

Neste contexto, conseguimos orientar-nos em relação à importância da didática, que se preocupa em aprimorar, através de uma ordem, o modo de ensino, considerando vários aspectos já mencionados. Portanto, não se pode deixar de considerar a condição e o local em que a didática está sendo aplicada, pois de nada adiantariam métodos e maneiras completas e eficazes se de fato não estamos atentos à realidade que a mesma será aplicada, ou seja, a didática também tem o compromisso de se adequar com vários meios, em diferentes âmbitos, tanto social, humano e político (MARTINS, 2011).

Contudo, é de suma importância a compreensão do educador acerca do conteúdo que irá ser aplicado, ou repassado aos educandos, que nenhum conteúdo pode ser aplicado sem ter um embasamento teórico e estar de certa forma integrado com a vida social, humana e política dos alunos. Selecionar o conteúdo a ser trabalhado é de total importância para um bom andamento das aulas e do interesse dos alunos em realizar as atividades propostas.

No Brasil, inicia-se uma educação com este meio planejado no ano de 1549, na qual o ensino ficava a cargo dos padres jesuítas em quase sua totalidade. De acordo com a orientação jesuítica, o ensino era completamente contra o pensamento crítico, as aulas eram ministradas e conduzidas pelos professores com métodos tradicionais, que eram: verificação de ensino empreendido, correção, repetição, explicação ou preleção, interrogação, ditado (RUIZ, 2002). Este ensino tradicional é voltado ao professor como detentor da verdade, onde os educandos terão apenas a oportunidade de ter contato no âmbito de receber as informações consideradas “verdades prontas” e não de interferir e/ou opinar. Veiga (1989, p. 44) apresenta esta relação da seguinte forma:

O relacionamento professor-aluno é hierárquico e autoritário. O professor se torna o centro do processo de aprendizagem, concebendo o aluno como um ser receptivo e relativamente passivo. Na sala de aula, mestres e alunos estão separados e não há necessidade de comunicação entre eles. A disciplina é a forma de garantir a atenção, o silêncio e a ordem.

A educação no Brasil foi dominada pelo *Ratio Studiorum*, trazida da Europa e utilizada pelos jesuítas, visava à formação do homem universal, humanista e cristão. Este sistema se manteve até 1759, pois os jesuítas foram expulsos pelo Marquês de Pombal, mas em seguida a educação sofreu com a mudança do organizado e controlado sistema jesuíta (RUIZ, 2002). Desta forma, o país passava por um importante período de transição, no qual uma estrutura de referência estava sendo modificada. A educação já foi considerada um pilar importante na formação social, pois almejava novas propostas para o ensino nacional.

Fundamentado nesta condição, Martins (2011) aponta para uma nova organização que surge, o Escolanovismo, que defendia princípios democráticos e o direito a todos à educação, completamente contrário ao método que era utilizado, porém, com o passar do tempo, este método perdeu a sua predominância com o surgimento da pedagogia Tecnicista por volta da década de 60 do século XX, que se embasava nos princípios da psicologia comportamental ou behaviorista, na qual o professor é transformado em um mero executor de planejamentos preconcebidos, perceptível na área nos dias atuais. Justamente agora, conseguimos relacionar a intenção de fazer uma didática complexa e em comunhão com a realidade, tornando métodos práticos eficazes possíveis em um contexto social.

Os métodos de ensino são, portanto, um conjunto de procedimentos, ações, passos utilizados pelo professor e pelos alunos para alcançar seus objetivos. Nesse sentido, segundo Libâneo (apud MARTINS, 2011, p. 121), “à atividade de explicar a matéria corresponde o método de exposição; à atividade de estabelecer uma conversação ou discussão com a classe corresponde o método de elaboração conjunta”.

A educação, neste contexto, é imposta de uma forma conjunta onde o professor e o aluno têm uma conversação sobre qual o tema a ser abordado nas práticas educativas, onde de certa forma tende a tornar as aulas mais proveitosas, pois torna o aluno um sujeito integrante nas escolhas das práticas pedagógicas.

Por outro lado, os alunos, como processo de aprendizagem, também se utilizam de métodos de assimilação de conhecimentos.

À atividade dos alunos de resolver tarefas corresponde o método de resolução de tarefas; à atividade que visa ao domínio dos processos do conhecimento científico numa disciplina corresponde ao método investigativo; à atividade de observação corresponde o método de observação, e assim por diante (LIBÂNEO apud SILVEIRA; MARTINS, 2011, p. 121).

É muito importante para a didática a utilização de métodos práticos para o desenvolvimento dos professores e dos alunos, ambos aprofundam seus conhecimentos, realizando atividades que reforçam os mesmos com a realidade, colocando então literalmente a “mão na massa”, pois principalmente em disciplinas profundamente teóricas é comum o estudo se tornar cansativo, então, há necessidade de recorrer utilizando-se de vários recursos para um bom resultado.

Didática: métodos que relacionam o conhecimento com a prática de ensino

O conceito de aprendizagem tem origem latina *aprehendere*, que expressa o sentido de agarrar ou apoderar-se de algo. Por se tratar de um período é possível perceber que este processo já é considerado um processo histórico de grande valia, na qual estabeleceu suas diferentes formas de “conhecer”. Este processo ocorreu por diferentes períodos e diferentes estilos de sociedades, quando cada qual estabeleceu seus critérios. Segundo Fernanda Germani de Oli-

veira (2011, p. 67), “podemos definir a aprendizagem com um processo no qual o indivíduo se apropria de certos conhecimentos e habilidades. Como um processo complexo e interativo, se constitui na relação do sujeito com as situações concretas na qual está inserido”.

As formas de relacionar-se são consideráveis para a construção de conhecimento, pois o indivíduo, neste caso, também é reflexo de uma realidade social, baseado na ideia de que enquanto vive, o ser humano aprende a se relacionar, a criar vínculos, inclusive como método de adaptação necessária.

Este processo histórico citado anteriormente corresponde a uma linha de mudança na aprendizagem, onde surgem diferentes e várias linhas de explicação para a mesma. O processo mais importante que quero ressaltar é o momento em que a ideia teórica e alienada de ensino é reformulada por alguns pensadores renomados da época, ainda hoje reconhecidos, principalmente pelas influências neste processo de aprendizagem. Quero apresentar uma linha de pensadores que comungam deste processo de reformulação de ensino, na qual me apropriei do olhar de: Jean Piaget, Vygotsky e por fim, um método muito citado ultimamente na formação de jovens e adultos embasados em Paulo Freire.

A influência de Jean Piaget

Jean Piaget nasceu em 1896 e faleceu em 1980, em Neuchâtel, na Suíça. Obteve grau de bacharel em Ciências Naturais em 1916 e doutorou-se em Filosofia dois anos depois. Estudou psicologia em Zürich e desenvolveu uma vasta investigação no campo da epistemologia (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Fernanda Germani de Oliveira (2011), Jean Piaget encontrava-se em um contexto de posições inatistas ou empiristas que prevaleciam naquela época. A partir disso ele tentou propor uma diferente forma de explicar como se constrói o conhecimento, apontando que o mesmo é resultado do contexto em que o sujeito está, o conhecimento se forma com tudo o que cerca o sujeito. Esta proposta foi denominada como construtivismo:

O construtivismo é uma epistemologia, uma teoria do conhecimento aplicada à educação escolar. Não aceita a visão imutável da educação tradicional, em que os valores são eternos, os clássicos por si só são importantes, o conhecimento está pronto e acabado e pode ser transmitido em sua totalidade por um professor, restando ao educando somente memoriza-lo, sem inovação, repetindo apenas o que as elites anteriores repetiam, sem visão de continuidade e transformação (OLIVEIRA, 2011, p. 90).

Oliveira (1993) apresenta o construtivismo proposto por Piaget representando um conhecimento com a interação com outros homens, considerando o meio ambiente e os objetos presentes na sociedade. Também fundamenta esta visão como um processo de diálogo e reflexão para que o educando se sinta emergido num contexto social pleno, com direitos e deveres de cidadão. Piaget desenvolveu uma minuciosa investigação sobre a forma de como o ser humano constrói seu conhecimento, com características de crianças e adolescentes, o que desencadeou uma das mais fortes premissas da sua teoria, que é o estágio de desenvolvimento. Oliveira (1993) fundamenta os estágios de desenvolvimento de Piaget em quatro etapas, que são:

O sensório-motor, na fase de 0 a 2 anos, que se divide em três subestágios, marcado inicialmente por coordenações sensoriais e motoras de fundo hereditário (reflexos, necessidades nutricionais), organização das percepções e hábitos, e inteligência prática.

A segunda etapa denomina-se pré-operatório, na fase de 2 a 6 anos, que representa o surgimento da função simbólica, o aparecimento da linguagem oral.

Na terceira fase, temos o operatório concreto, de 6 a 11 anos, onde temos o desenvolvimento do pensamento mais compatível com a lógica da realidade, embora ainda preso à realidade concreta, surgindo assim uma cooperação de respeito mútuo (moral da obediência).

A última fase apresentada por Piaget acontece a partir dos 11 e 12 anos quando o pensamento é hipotético-dedutivo, onde se constrói uma autonomia com avanços significativos no processo de socialização.

De acordo com Oliveira (1993), o conhecimento é como um construir que passa por uma série de estágios interagindo com a realidade. Nesse contexto, o professor não é autoritário, mas retém o respeito mútuo, na qual aponta os inícios de formas de trabalho com a intenção de ajudar e acompanhar o aluno, usando de uma teoria de valores considerando a educação sempre ideológica.

Para Piaget o sujeito se desenvolve a partir de uma adaptação mais precisa que para ele acontece por meio de sucessivas assimilações e acomodações do sujeito na interação com os objetos do conhecimento, pois a assimilação é feita através de esquemas mentais já existentes e na acomodação o sujeito age sobre o objeto com suas características específicas (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Oliveira (2011), para Piaget existem três situações que justificam o erro quando representamos o conhecimento. A primeira é que se a pessoa ainda não desenvolveu o conhecimento é interessante reavaliar o contexto e o ambiente em que ela se encontra, o ambiente de trabalho, o clima e o diálogo, porque é impossível criar um conhecimento sem estas condições; a segunda é que se a pessoa está em um processo de formação de estrutura, o professor deve fazer a mediação para superar tais dificuldades; e a terceira é que se a pessoa possui estrutura e não aprende, deve-se analisar os procedimentos utilizados, pois em muitos casos é o professor o causador desta falha, com procedimentos inadequados.

Para Piaget, uma criança não deve mais ser avaliada de forma direta e específica com apontamentos de certo ou errado, mas sim, deve-se avaliar de forma dinamizada para perceber o processo em que ela progrediu.

A influência de Lev Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky nasceu em 1896, na Bielorrússia e morreu em 1934. Graduou-se na Universidade de Moscou, com aprofundamento em literatura, realizando estudos nas áreas da medicina e do direito. Iniciou seu percurso na psicologia após a Revolução Russa (1917). Desenvolveu trabalhos na área de aprendizagem escolar, infância e educação especial (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Fernanda Germani de Oliveira (2011), Vygotsky assim como Piaget, conceitua o desenvolvimento da criança através da experiência e da ação sobre o meio em que vive. Diferentemente do construtivismo piagetiano, Vygotsky privilegia as relações pessoais e a influência cultural, pois para ele uma criança é capaz de realizar tarefas extremamente desenvolvidas se for estimulada por um indivíduo maduro.

Oliveira (2011) afirma que, para Vygotsky a linguagem é o principal sistema simbólico que representa o conceito da atividade do indivíduo no mundo, pois ele tem um grande fator influente, a linguagem permite que o mundo seja apresentado através de significados culturais.

Portanto, para Vygotsky, desenvolvimento e aprendizagem estão interligados desde o primeiro ano de vida da criança, tendo em vista que a instrução das habilidades infantis envolve a mediação proveniente dos adultos antes, durante e depois da prática escolar. Nesse sentido, a inadequação das interações entre adultos e crianças e das

crianças entre os seus iguais pode levar à dificuldade no processo de aprendizagem e, por conseguinte, em seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2011, p. 102).

Vygotsky contribuiu muito para a teoria da educação, onde teve um fundamento chamado de zona de desenvolvimento proximal. Este método tem um interesse de provar que uma criança consegue desenvolver muito mais com o auxílio de algo que ela já conhece, partindo então de um objeto já conhecido por ela, este auxílio interventivo deve favorecer em dicas e orientações para as crianças se sentirem motivadas e desenvolverem e renderem ainda mais. Para ele, algumas crianças têm níveis de desenvolvimento proximal mais elevado e mais desenvolvido e outras menos, porém, o desempenho é baseado no que ela já vivenciou, ou seja, o desenvolvimento dela é resultado de que ela já recebeu um auxílio de alguém experiente.

Para Vygotsky zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal demarcado pela capacidade de solucionar problemas com a ajuda de um parceiro mais experiente. São as aprendizagens que ocorrem na ZDP que fazem com que a criança se desenvolva ainda mais, ou seja, desenvolvimento com a aprendizagem da ZDP leva à mais desenvolvimento, por isso dizemos que, para Vygotsky tais processos são indissociáveis (OLIVEIRA, 2011, p. 106).

A proposta de Lev Semenovich Vygotsky é uma interação entre desenvolver e aprender, onde a influência principal é o contexto cultural com aparato biológico básico para interagir, pois o indivíduo é estimulado e provocado por mediadores com mais experiências para ser notado um processo de crescimento.

Outro conceito-chave utilizado por Vygotsky é a mediação, pois para ele toda relação é mediada por algum instrumento técnico. Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 1993).

Lev distinguiu os elementos mediadores entre instrumentos e signos. Sobre eles, Oliveira afirma:

O uso de instrumentos objetiva uma mudança no meio, ocorrendo uma transformação externa. Pode-se, então, descrever que o pensamento é formado na vida social à medida que os modos de organização do ambiente presente em determinado contexto social fornecem aos indivíduos nele imersos os conhecimentos, as técnicas e os motivos necessários ao desempenho das tarefas sociais historicamente construídas naquela cultura. [...] Já os signos, como instrumentos que auxiliam no desempenho de atividades psicológicas. Fazer uma lista de compras por escrito, utilizar um mapa para encontrar determinado local [...] são apenas exemplos de como constantemente recorreremos à mediação de vários tipos de signos para melhorar nossas possibilidades de armazenamento de informações de controle de ação psicológica. (OLIVEIRA, 2011, p. 109).

É importante ressaltar que tais mediações vão sofrendo alterações de acordo com o desenvolvimento do indivíduo, pois um método sofisticado não será desenvolvido por uma criança, mas sim com o passar do tempo, ou seja, a mediação é formada pela experiência adquirida com o desenvolvimento do indivíduo.

O pensamento de Paulo Freire

O pensador Paulo Reglus Neves Freire, educador brasileiro, nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife-PE. Estudioso, ativista social e trabalhador cultural, desenvolveu uma pedagogia crítico-liberadora. Freire faleceu em 2 de maio de 1997, em São Paulo.

Os métodos de ensino ainda são muito discutidos em vários âmbitos sociais, pois refletem as condições que as sociedades convivem. A metodologia de ensino baseada em Paulo Freire representa uma nova proposta de ensinar, na qual sai de cena a visão de professor ditador e os assuntos que pareciam ser os mais difíceis de compreender passam a ser assimilados com a realidade. Na condição da relação teórica e prática, Freire diz:

Outra virtude é a de viver intensamente a relação profunda entre a prática e a teoria, não como superposição, mas como unidade contraditória. Viver esta relação de tal maneira que a prática não possa prescindir a teoria. Temos que pensar a prática para, teoricamente, poder melhorar a prática. Fazer isto demanda uma enorme seriedade, uma grande rigorosidade (e não superficialidade). Exige estudo, criação de uma disciplina séria. (FREIRE, 1982, p. 6).

Freire tem um enorme respeito pela educação, que através de sua preocupação, expõe sua ideia de que é necessário criar situações para o relacionar do conhecimento, ou seja, abrir horizontes a partir do que o aprendiz já conhece, partir de algo comum e fazer analogias de como ampliar tal conhecimento partindo de algo concreto.

A concepção freireana procura explicitar que não há conhecimento pronto e acabado. “Ele está sempre em construção”, explica Sonia Couto Souza Feitosa, coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire (CRPF), entidade mantida pelo Instituto Paulo Freire. “Aprendemos ao longo da vida e a partir das experiências anteriores, o que faz cair por terra a tese de que alguém está totalmente pronto para ensinar e alguém está “totalmente” pronto para receber esse conhecimento, como uma transferência bancária. Esse caráter político, libertador, conscientizador é o diferencial da metodologia de Paulo Freire dos demais métodos de alfabetização. (ZAULI, 2013).

O método Paulo Freire é dividido em três etapas. Na etapa de Investigação, aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia. Na segunda etapa, a de tematização, eles codificam e decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. E no final, a etapa de problematização, aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido (ZAULI, 2013).

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas, também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Porque não há lixões no coração dos bairros rios e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica

e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 1996, p. 15).

Este método tem o interesse de formar seres pensantes, e não apenas um depósito de informação e novos conceitos. O aprendizado acontece de forma objetiva em diversos assuntos, porém, ele já tem um papel importante de fazer uma relação com situações atuais, desde os assuntos que nossa sociedade já superou e de assuntos que as comunidades antigas ainda se mantêm superior. O embasamento por analogias é uma forma de o aluno saber comparar e pensar em qual meio está situado, pois o ensino desenvolve reflexões, onde cada aluno terá consciência de que pode perceber um processo histórico voltado à realidade, e ainda mais, na qual o aluno compreenderá diversos fatores sociais e irá saber que aquela situação atual, é decorrência de comunidades formadas há séculos. O fato de fazer comparações com embasamento prático faz o aluno se sentir interessado em querer compreender a sociedade em que está inserida.

Considerando a didática na atualidade

A sociedade é formada por diversos fatores. Assim, podemos analisar várias relações que ela estabelece, de forma direta ou indireta, e uma das perspectivas que podemos realizar é a importância da didática como gestora da sociedade, juntamente com seus desafios.

A escola tem um papel muito importante no contexto social, sendo assim, ela torna-se um ambiente onde um dos compromissos é despertar o conhecimento e o interesse de obtê-lo de forma prática no futuro social. Conforme afirma Libâneo (2005, p. 117):

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

Com isso, a escola deve colaborar no compromisso de dispor de medidas que estimulem o interesse dos alunos, com percepções que vão além da sala de aula, agregando o período de iniciação escolar com os objetivos e perspectivas do futuro, criando assim uma intensidade na preparação dos compromissos futuros, como por exemplo, o campo profissional.

Neste contexto, percebemos a importância da escola quando pensamos que no futuro são esses os indivíduos que irão optar em defender o estado ou irão criar outras políticas para combatê-lo, pois o aluno é parte da escola, ele é o sujeito que aprende, constrói pensamentos, prepara seus objetivos de vida, ou seja, a matéria-prima escolar são as pessoas, com valores, princípios, tradições, crenças, opções e precisa estar preparada para lidar com todos esses aspectos. Segundo Penin, Vieira e Machado (2001, p. 45), “Uma escola voltada para o pleno desenvolvimento do educando valoriza nas pessoas, o respeito às diferenças, à cultura escolar”.

Assim, se tem um leque de opções a serem seguidas, estudadas em várias áreas, mas cabe também à escola dar apontamentos dessas escolhas e se essas tiverem uma analogia que afrente as opções defendidas. Cabe à escola também orientar o respeito que deve prevalecer mediante as escolhas de cada um, pois a escola também deve ser um espelho de princípios, não uma determinadora de princípios, mas uma mediadora de respeito e motivadora em que haja o respeito entre essas diversas áreas e culturas.

Considerações finais

A didática é considerada como uma técnica de dirigir e orientar a aprendizagem. No Brasil, foi inserida através dos jesuítas, uma didática com o método tradicional, em que o professor tem a função de ser o representante da verdade, e ao aluno, cabe a função de decorar as informações que o professor repassava. Entretanto, no transcorrer da história, este método foi revisto por alguns pensadores que perceberam a necessidade de atualização do pensamento pedagógico voltado ao meio em que o educando está inserido. Este novo olhar perante a concepção da didática é realizado com a intenção de explicar os meios e os recursos de ensino, fazendo com que o professor e estudante sintam-se desafiados e motivados no processo de educação.

O interesse pela educação é algo muito particular, pois em qualquer âmbito é notório indivíduos mais interessados e outros que não se importam com as situações propostas pela inovação didática. O papel da educação e da ética não é função direta para a escola moldar, não cabe à escola determinar postura e princípios, mas a ela recai a importância de realçar tais valores que já habitam nos indivíduos, ou seja, a escola tem o compromisso de incentivar valores, de motivar o conhecimento com instrumento e meio para uma possível transformação da realidade.

O professor é o articulador não somente de uma organização de conteúdos, mas de forma ainda mais intensa tem o papel de articular os recursos e os meios que incentivam os alunos ao aprendizado. Dessa maneira, não cabe ao processo de ensino-aprendizagem encerrar-se em alguma forma padronizada e “fechada”, precisa ser algo maleável, através de métodos e fontes suficientes para que cada indivíduo seja precursor participante de sua formação. O Ensino deve ser personalizado, tarefa que não é simples como apresenta o senso comum.

Os métodos de ensino influenciados pelo pensamento pedagógico contemporâneo aparentam estar cercados de melhores chances de dialogar com o contexto da sociedade do conhecimento. A inundação de informação proporcionada pelos tempos da informática, da globalização e dos meios de comunicação de massa tiraram da escola o papel de principal legitimadora dos saberes, o que agrava o desafio de pensar a didática no processo escolar.

Fica o anseio de que o tema em questão é merecedor de estudos contínuos; de que a natureza do conhecimento didático seja pensada para além da visão instrumentalista frente ao processo de ensino; e por fim, que o pensamento didático brasileiro possa construir uma identidade própria independente das imposições de modelos centrados na visão colonizadora europeia, ou na concepção tecnicista norte-americana.

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O mini Aurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do educador**. Editor: VEREDA, 1982.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S. **Educação escolar**: políticas estrutura e organização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Josenei. **Didática de metodologia do ensino de Artes**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

OLIVEIRA, Fernanda Germani de. **Psicologia da educação e aprendizagem**. Indaial: Unias-selvi, 2011.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-históri-co**. São Paulo: Scipione, 1993.

PENIN, S. T. S.; VIEIRA S. L.; MACHADO M. A. M. **Progestão: como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade?** Brasília: Consed, 2001.

RUIZ, Marcelo. **Transferência de paradigma de ensino: história da didática no Brasil**. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/MARCELO%20RUIZ.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

ZAULI, Fernanda. **1º Turma do método Paulo Freire se emociona ao lembrar das aulas**. Abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/04/1-turma-do-metodo-paulo-freire-se-emociona-ao-lembrar-das-aulas.html>>. Acesso dia 12 abr. de 2016.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.